

Especial

A Belle Époque e o Theatro da Paz

O dinheiro gerado pela comercialização da borracha foi muito importante para a reestruturação urbana de Belém, especialmente a partir de 1897, no governo de Antônio Lemos (1897-1911), que promoveu uma renovação estética e higienista da cidade e de seu porto: a chamada Belle Époque paraense. Como em outras cidades brasileiras, a reforma urbana teve como modelo a famosa reforma de Paris, do Barão Hausmann, com suas ruas largas ou boulevards, iluminação pública e espaços verdes.

A elite paraense, enriquecida com o comércio da borracha, estava empenhada em mostrar aos investidores que a cidade era salubre e segura, situação que, de certa forma, repete-se agora, com a preparação para a COP-30 e a busca de investidores na nova economia verde. À época, Belém tornou-se um centro financeiro, de consumo, luxo e divertimentos. A construção do Boulevard da República, próximo ao cais do porto, simbolizou a mudança: ruas, rede de esgotos, transportes públicos, bosques, quiosques e praças.

Theatro da Paz

Com 130 anos, o Theatro da Paz é hoje o símbolo dessa época. Foi a primeira casa de espetáculos construída na Amazônia, com 1.100 lugares (hoje tem 900), acústica perfeita, lustres de cristal, piso em mosaico de madeiras nobres, afrescos nas paredes e teto, dezenas de obras de arte, gradis e outros revestidos com folhas de ouro. Está aberto a visitas guiadas, de terça-feira a domingo, sendo gratuitas na quarta-feira.

O neoclássico italiano, presente nas suas sete colunas e sete entradas, foi reformado em 1905, com a retirada de uma coluna e uma entrada, para instalar os medalhões de musas que representam as artes cênicas: comédia, poesia, música e tragédia; nas laterais, a dança; no centro, o brasão do estado do Pará. No hall de entrada, há ferro fundido inglês nos arcos das portas; escadaria em mármore italiano; lustre francês; bustos em mármore de carrara de José de Alencar e Gonçalves Dias.



No Salão Nobre (foyer), além de espelhos e lustres em cristal francês, destacam-se os bustos em mármore de carrara de Carlos Gomes e Henrique Gurjão. No mezanino, a pintura do teto, de 1960, é de Pernambuco Armando Baloni, que retrata

as musas da música ladeadas pela fauna e flora amazônicas. Na sala de espetáculos, destaca-se o afresco do teto central, com o deus Apolo conduzindo a deusa Afrodite e as musas das artes à Amazônia. O pano de boca, intitulado Alegoria à República, foi pintado na França, no ateliê de Carpezat, sendo inaugurado em 1890.